

A CAPOEIRA NA CAPITAL DO ESTADO DE RONDÔNIA: DA QUANTIDADE DE GRUPOS À PARTICIPAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Maria Aparecida da Silva Emiliano¹ André de Castro Batista¹ Daniel Delani¹ Tatiane Gomes Teixeira¹

Resumo: A capoeira é uma prática corporal e cultural afro-brasileira que contempla configurações e gestuais característicos. É sinônimo de resistência cultural e esteve presente em diferentes momentos da história do Brasil, sendo elemento marcante na formação da identidade de povo brasileiro. Apesar de sua popularidade, assim como a maioria das tradições de origem africana e/ou afrodescendente, permanece marginalizada em muitas regiões do país e carece de investigações científicas a seu respeito. O presente estudo teve como objetivo investigar e descrever a realidade da capoeira na cidade de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, no que diz respeito: a) ao número de grupos e seu público-alvo, b) à organização destes através de Federação ou associação; e c) à participação do profissional de Educação Física (EDF). Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, observacional e descritivo. Para sua realização foram feitas entrevistas semiestruturadas com quatro professores/mestres de capoeira. A pesquisa evidenciou que na cidade de Porto Velho não é possível definir com exatidão o número de grupos existentes; sendo 15 o total estimado. Crianças e adolescentes são seu público-alvo. Somente um grupo tinha professor de capoeira graduado em EDF responsável por ministrar aulas. Quanto aos mestres, apenas um grupo possuía mestre graduado em EDF. Portanto, apesar de ser um campo de atuação oportuno ao profissional de EDF, a participação desta na capoeira da cidade de Porto Velho é pequena, quase inexistente. Acredita-se que a graduação em Educação Física poderia somar ao planejamento, entendimento de prevenção de lesões, bem como na estruturação das aulas. De outra forma, o trabalho conjunto entre professores de capoeira e profissionais de EDF, realidade identificada na presente pesquisa, também se apresenta como uma alternativa potencialmente interessante.

Palavras-chave: lutas; educação física; artes marciais

Afiliação

¹ Universidade Federal de Rondônia

Capoeira in the capital of the state of Rondônia: from the quantity of groups to the participation of the physical education professional

Abstract: Capoeira is an Afro-Brazilian corporal and cultural practice that includes characteristic configurations and gestures. It is synonymous with cultural resistance and has been present at different times in the history of Brazil, being an important element in the formation of the identity of the Brazilian people. Despite its popularity, as well as most traditions of African origin and/or African descent, it remains marginalized in many regions of the country and scientific research on it is lacking. This study aimed to investigate and describe the reality of capoeira in the city of Porto Velho, capital of the state of Rondônia with respect to: a) the number of groups and their target audience; b) their organization through Federation or association; and c) the participation of the Physical Education (PE) professionals. This is a qualitative, observational and descriptive study. Semi-structured interviews were carried out with four capoeira teachers/masters. This study showed that in the city of Porto Velho it is not possible to define exactly the number of existing groups; 15 being the estimated total. Children and teenagers are their target audience. Only one group had a capoeira teacher graduated in PE responsible for teaching classes. As for the masters, only one group had a master graduated in PE. Therefore, despite being an opportune field of activity for PE professionals, their participation in capoeira in the city of Porto Velho is small, almost nonexistent. It is believed that graduation in Physical Education could add to planning, understanding injury prevention, as well as structuring classes. Furthermore, joint work between capoeira teachers and PE professionals, a reality identified in this study, also presents itself as a potentially interesting alternative.

Key words: fights; physical education; martial arts

Introdução

A capoeira é uma prática cultural e corporal histórica que compreende a união de luta, dança e jogo e expressa sentidos e significados¹. Criada por negros escravizados no Brasil, tem sua origem fortemente ligada à questão da resistência à escravidão e ao opressor. Embora a resistência ainda seja elemento presente na capoeira, ao longo de sua trajetória, em decorrência dos diversos contextos nos quais seus praticantes e líderes estiveram inseridos, tal prática incorporou outros significados. Diante desta realidade, é possível visualizar verdadeira multiplicidade de configurações e formatos assumidos pela capoeira nos distintos cenários onde sua prática ocorre^{2,3,4}. Academicamente, é possível identificar o estudo da capoeira sob distintas perspectivas, incluindo como manifestação da cultural popular, ferramenta educacional, luta corporal ou arte marcial e esporte^{4,5}.

Ainda que haja ampla diversidade nos formatos e/ou enfoques da prática da capoeira, seus elementos singulares tornam possível identificá-la facilmente em meio a outras práticas corporais. É caracterizada pela presença de golpes, floreios, música, instrumentos e palmas, todos em conjunto na roda onde acontece o jogo⁶. Também é consenso na literatura sobre a capoeira a ocorrência de repressão ao longo da história, ficando a prática proibida durante várias décadas entre o final do século XIX e início do século XX; e permanecendo por longo tempo (e alguns locais ainda permanece), marginalizada^{7,8}.

A capoeira tem conquistado grande reconhecimento ao longo dos anos. Em 2008, tornou-se Patrimônio Cultural brasileiro pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em 2014, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) declarou a roda de capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade⁹. Apesar de a capoeira ter conquistado gradativo reconhecimento social ao longo das últimas décadas e estar tornando-se cada vez mais esportivizada¹, em algumas regiões do país ainda é pouco conhecida a realidade de tal prática. É o caso do Estado de Rondônia, situado no Norte do Brasil.

Conhecer e dar publicidade à realidade da capoeira é fundamental para propiciar reflexões e contribuir para o seu desenvolvimento. É notável o interesse recente e a busca pela inclusão efetiva da capoeira nos currículos da Educação Física escolar⁵. Entretanto, para que a capoeira possa ser apresentada e trabalhada de forma coerente na escola, é fundamental que os estudantes de Educação Física entendam não somente a multiplicidade de temas inerentes a tal prática, mas também a forma como ela se apresenta em cada localidade. Corroborando Santos e Palhares¹, entende-se que esse papel de investigar e descrever a realidade da capoeira cabe à Educação Física, visto que é esta a área de conhecimento que se debruça a compreender as práticas corporais.

Concordando com tal perspectiva, a presente publicação visa revelar informações sobre a capoeira na cidade de Porto Velho, capital de Rondônia. Especificamente, o estudo foi conduzido para apresentar respostas às seguintes perguntas: Quantos grupos de capoeira existem na cidade de Porto Velho? Qual é o principal público-alvo desses grupos? Os grupos estão organizados através de

associações e/ou Federação? Existem profissionais de Educação Física inseridos nos grupos de capoeira?

A pesquisa foi centrada nos grupos porque é principalmente através destes que os praticantes de capoeira se organizam em torno da prática¹. É relevante destacar, neste contexto, que embora a capoeira esteja vivenciando um processo de esportivização ao longo das décadas^{2,10}, coexiste o entendimento que, ao ser encarada como esporte, e ingressar no sistema esportivo nacional através de federações, a capoeira pode perder características identificadoras fundamentais, como seu símbolo de resistência ao opressor e sua característica folclórica¹⁰. Portanto, não é unânime por parte dos mestres capoeiristas a busca pela formalização através de federações ou associações, e tampouco pela vinculação a grandes grupos⁴.

Assim, compreende-se que os grupos podem apresentar lógicas internas e padrões de interação e funcionamento bastante distintos entre si¹. Em outras palavras, os grupos de capoeira expressam singularidades, que se manifestam em questões de natureza técnica, como cores das cordas e denominação dos líderes; de natureza funcional, como objetivos e público aos quais se direciona; e também em questões de natureza organizacional, relacionadas ao grau de institucionalização e à vinculação a grandes grupos existentes em outros Estados do Brasil ou outros países, por exemplo. Portanto, a multiplicidade de formas de vivenciar a capoeira é significativa, razão pela qual é fundamental conhecer a realidade dos grupos quando se objetiva compreender e descrever o cenário local da modalidade.

Com o já citado aumento do interesse pelo ensino da capoeira na escola⁵, os debates no campo científico sobre a relação e interação Educação Física-capoeira tem sido cada vez mais frequentes¹. Um dos aspectos de discussão componentes desse cenário é a (não) participação de profissionais de Educação Física na capoeira¹¹, visto que para ensino desta não é necessária a graduação na área^{1,8}.

Apesar de a graduação em Educação Física não estar voltada a preparar o profissional a ensinar capoeira ou qualquer outra modalidade de luta propriamente dita, estudos prévios sugerem que a graduação em Educação Física contribui de maneira positiva para o ensino das lutas, ampliando as possibilidades de ensino, tanto na questão corporal e preparação física, quanto na elaboração e no desenvolvimento das aulas¹².

É essencial destacar que acatar tais afirmativas como verdadeiras não significa inferiorizar e tampouco invalidar o saber dos mestres de capoeira. A preservação e sobrevivência de tal prática somente é possível através dos saberes acumulados por esses mestres ao longo de anos a ela dedicados. A tipologia de saber adquirida através da graduação em Educação Física é plenamente distinta do saber desses mestres. Considerar que a Educação Física pode colaborar para a capoeira significa entender que a referida prática tem grande valor histórico-cultural, razão pela qual merece ser estudada em suas diferentes dimensões, para que possa ser preservada enquanto elemento cultural e ampliada em relação ao alcance nas distintas esferas da sociedade.

Materiais e Métodos

A Pesquisa teve caráter qualitativo, observacional e descritivo. Segundo Minayo¹³, o estudo qualitativo não se baseia em dados numéricos e sim pelo conjunto das informações adquiridas durante a pesquisa. A pesquisa descritiva pretende descrever fatos e fenômenos de uma realidade¹⁴. Pesquisa observacional é aquela na qual o investigador não interfere no desenvolvimento natural dos acontecimentos a serem investigados, apenas atua como expectador dos fatos.

A coleta de dados foi iniciada com o levantamento e a identificação dos grupos de capoeira existentes na cidade de Porto Velho. Para tanto, foi feita uma pesquisa pela internet, com a intenção de descobrir se existia Federação ou algum órgão responsável pela organização e registro da capoeira da cidade de Porto Velho. Foi encontrado o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de Rondônia.

Por meio de contato com os responsáveis por este Instituto foram obtidos materiais sobre a capoeira e o telefone do responsável pela Federação de capoeira de Rondônia (FECARON). Os materiais cedidos pelo IPHAN continham informações a respeito da salvaguarda do Patrimônio imaterial da capoeira do estado de Rondônia. No contato com o responsável pela Federação, foram obtidos os números telefônicos dos responsáveis pelos grupos. Através desses, as entrevistas foram marcadas conforme horários e dias mais apropriados aos participantes.

As entrevistas foram realizadas com os responsáveis locais pelos grupos. Dos 6 representantes de grupos aos quais foi viabilizado o acesso através da FECARON, apenas 4 aceitaram participar do estudo. Dessa forma, participaram da pesquisa quatro professores/mestres de capoeira, com idade entre 32 e 42 anos e tempo de prática de capoeira entre 20 e 30 anos. Três deles naturais de Porto Velho, Rondônia, e outro do interior do Estado de Minas Gerais. Em relação à capoeira, três começaram a prática em Porto Velho e um em Minas Gerais. Portanto, os participantes da pesquisa têm vasto tempo de inserção na capoeira da cidade em questão, o que torna suas falas qualificadas para mostrar a realidade e as percepções sobre as temáticas pesquisadas.

As entrevistas foram do tipo semiestruturadas. Além dos questionamentos de identificação dos respondentes, as perguntas específicas sobre a capoeira buscavam identificar as seguintes informações dos entrevistados: como conheceu a capoeira, estilo de capoeira adotado pelo grupo, número de alunos e público principal do grupo, filiação deste à Federação, conhecimento sobre quantidade de grupos existentes em Porto Velho e existência de graduados em educação física nesses. Aos graduados em EDF as seguintes perguntas foram incluídas: influência da prática de capoeira na escolha da graduação e percepções acerca do impacto da formação em EDF sobre a forma de conduzir as aulas de capoeira. Ao final de cada entrevista foi aberto espaço para que os participantes falassem livremente sobre a temática em estudo, acrescentando informações que julgavam importantes. Essa ação se mostrou bastante relevante na coleta de dados, visto que muitas informações resultaram desse momento final da entrevista.

Os áudios das entrevistas foram gravados em um aparelho celular, utilizando aplicativo de gravação de áudio e depois transcritas em texto. Também foi desenvolvido um diário de campo para registrar as observações a respeito do entrevistado, local da entrevista e fatos ou percepções que chamaram atenção durante a entrevista.

Para análise de dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Segundo Minayo¹³, esta técnica tem como objetivo analisar o significado e compreensão das palavras buscando interpretá-las. É muito utilizada para analisar dados qualitativos pela natureza subjetiva deste tipo de pesquisa.

Todos os nomes e/ou apelidos dos professores e mestres de capoeira entrevistados, bem como de outros citados ao longo das entrevistas foram substituídos por nomes fictícios, com o objetivo de preservar suas identidades. Todos os participantes do estudo receberam e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), autorizando o uso da entrevista para fins científicos. O estudo foi provado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Rondônia sob números de CAAE: 75933417.0.0000.5300; e parecer: 2.3.07.444.

Resultados e Discussão

O presente estudo teve como objetivo investigar e descrever a realidade da capoeira na cidade de Porto Velho, no que diz respeito: a) ao número de grupos e seu público-alvo, b) à filiação desses à Federação ou associação; e c) à participação do profissional de Educação Física.

Quanto à quantidade de grupos, não foi possível identificar o número exato, visto que não existe uma entidade à qual todos os grupos sejam vinculados e/ou registrados formalmente. Nesse sentido, tanto o IPHAN quanto a federação e os representantes dos grupos relatam que existem grupos considerados grandes/atuantes e outros considerados menores, os quais realizam rodas de capoeira, mas não possuem um trabalho contínuo de ensino. Portanto, como o número total depende tanto da contabilização dos grupos grandes quanto dos pequenos, e estes não são plenamente conhecidos - tanto pela FECARON quanto pelos seus pares capoeiristas - é inviável definir quantos são os grupos existentes.

Acredita-se que essa realidade da não preocupação com a formalização do grupo, ou mesmo em ser conhecido pela Federação ou por outros capoeiristas reconhecidos na cidade, pode encontrar explicação tanto no fato desta prática não ser encarada como esporte propriamente dito, como no contexto de resistência em que a capoeira se desenvolveu ao longo da história.

Ao apresentar a história da institucionalização da capoeira em São Paulo, Reis¹⁰ relata a existência de grupos contrários à esportivização e homogeneização da prática através da vinculação à Federação, o que pode ajudar a explicar a impossibilidade de definir claramente a quantidade de grupos em Porto Velho. O autor descreve que no entendimento desses grupos contrários em São Paulo, esse enfoque dado a capoeira “apagaria a memória de resistência negra da luta, além de destituí-la de sua principal estratégia de combate: o confronto indireto”.

Entende-se que, embora a capoeira possa ser encarada e praticada como esporte, suas outras

possibilidades de realização, como brincadeira, dança ou prática cultural, por exemplo, explicam – pelo menos em parte – a existência de praticantes não interessados na formalização, participando das rodas somente por diversão, prazer ou outros motivos. Neste sentido, sugere-se que estudos futuros procurem investigar essa realidade dos grupos menores, já que na presente pesquisa os pesquisadores dialogaram somente com professores e mestres pertencentes aos grupos conhecidos pela FECARON.

Embora o número exato de grupos não tenha sido identificado pela presente pesquisa, foi consenso entre os entrevistados que o número aproximado é em torno 15. Na Tabela 1 constam as falas dos entrevistados que viabilizaram tal entendimento.

Tabela 1: Número de grupos de capoeira na cidade de Porto Velho segundo fontes

Fonte	Número total de grupos	Grupos atuantes	Fontes da informação
IPHAN	Mais de 10	5	“Em Porto Velho são conhecidos mais de dez grupos que trabalham a capoeira. Entre eles, os mais importantes em termos de números de adeptos são: o grupo Candeias; o grupo Abadacapoeira; o grupo Canidé; o grupo Senzala; e a Oficina de Capoeira”.
FECARON+	15*	6	-
E. Ivan	15*	3 a 4*	“Nós temos em torno de uns 15 grupos de capoeira. E atuante mesmo, grupos grandes, deve ter três ou quatro. Os outros são grupos pequenos, ainda não conseguiram se estabelecer”.
E. Carlos	15 a 20	-	“eu acredito que deve ter uns 15 grupos de 15 a 20 grupos em Porto Velho”.
E George	-	-	“Olha, tem bastante. Eu não sei te dizer o número exato”.
E. Raoni	15*	-	“Na última vez que a gente fez um levantamento tinha uns 15 grupos de Capoeira aqui em Porto Velho”.

* Número aproximado; + Informação obtida verbalmente.

Conforme observado na Tabela 1, em publicação anterior, de 2012, o IPHAN¹⁵, revelou que existiam mais de dez grupos de capoeira em Porto Velho naquele ano, cinco dos quais eram mais reconhecidos com relação a número de praticantes. Considerando que os dados da presente pesquisa foram obtidos entre dezembro de 2018 e janeiro de 2019, o resultado encontrado revela que poucas mudanças no número de grupos ocorreram após 2012.

Ainda sobre a temática dos grupos, em publicação de 20 anos atrás, Falcão², relata que “essa forma de organização das capoeiras nos moldes de grupos institucionalizados é recente”, iniciado nos anos 1970, e que o pertencimento a um grupo é algo importante para o reconhecimento social da capoeira. Entende-se, dessa forma, que alguns praticantes podem criar seus próprios grupos, pois não existe uma norma/regra para tanto. A fala a seguir é de um dos entrevistados da presente pesquisa diante do questionamento sobre a forma como se deu o primeiro contato com a capoeira. Ela revela a vivência de Raoni nessa dinâmica de prática informal da capoeira e também contribui para compreensão sobre a dificuldade de estabelecer o número exato de grupos na cidade:

Na época através de um amigo que fazia capoeira num projeto social. E chegava no bairro ele queria ensinar a gente como jogar capoeira, aí juntou a galera do bairro e começamos a treinar por conta própria. E depois, mais tarde, eu fui conhecer um grupo de capoeira do qual fiz parte durante 5 anos. (Raoni).

A inexistência de dados exatos/precisos quanto ao número de grupos conduz à impressão que, enquanto panorama geral, na cidade de Porto Velho, a capoeira mantém uma característica de prática não institucionalizada ou pouco institucionalizada. Esta impressão é reforçada no fato que apenas um grupo da cidade estava filiado à Federação quando a pesquisa foi realizada. Dois entrevistados responderam que estavam em processo de filiação e outro respondeu que apenas faz parte de associação. No sistema esportivo nacional é da federação esportiva o papel de vincular/registrar as entidades de prática e clubes¹⁶. Assim, o registro junto à Federação representa a formalização e pertencimento ao sistema esportivo. Entretanto, a capoeira, em sua essência, não se configura exclusivamente como prática esportiva, razão que pode ser fonte de explicação para que a formalização não seja entendida como uma necessidade por parte dos responsáveis pelos grupos.

Ainda que a vinculação ao sistema esportivo pareça não ser importante para muitos mestres capoeiristas de Porto Velho, um potencial ponto positivo da vinculação à Federação é a possibilidade de fortalecimento desta prática perante a sociedade. Como já relatado, a capoeira traz em sua história marcas de discriminação e marginalização, as quais ainda são encontradas nos dias atuais. Neste contexto, ao se organizarem através de uma Federação os grupos podem se fortalecer. Interessantemente, a fala de um dos voluntários da pesquisa, que participou da fundação da Federação, revela que esta nasceu exatamente da percepção de alguns grupos/sujeitos sobre a necessidade de organizar melhor a capoeira em Rondônia:

Vendo a necessidade da capoeira se organizar dentro do Estado, nós, com alguns mestres daqui de Rondônia, nos conscientizamos de montar uma Federação em 2012. Já tinha uma associação, já vinha trabalhando com projetos e tinha uma história dentro de projetos sociais. E eu vim contribuir também pra a criação da Federação. (Ivan).

Revela-se, portanto, que do ponto de vista da formalização dos grupos, pouco se avançou ao longo dos últimos anos na cidade pesquisada. No mesmo contexto, a partir da fala do entrevistado Ivan constatou-se que a capoeira na cidade de Porto Velho ainda encontra muitas dificuldades a respeito da filiação à Federação. Na visão dele, esta realidade se dá pela falta de entendimento que alguns mestres apresentam com relação à importância que o processo de organização traz para o crescimento e desenvolvimento da capoeira na cidade, o que interferiu também no processo de criação e estruturação da Federação de Capoeira de Rondônia, criada em 2012, como revela a fala a seguir:

A Federação foi criada em 2012, processo ainda muito novo [...]. Alguns mestres não tem o entendimento ainda dessa questão de se filiar, de fortalecer. E existem algumas associações, são poucas (de capoeira). Muitas [...] não são constituídas com CNPJ, com documentação legal. A maioria é tudo grupos, mas não é formalizado, não tem formação jurídica. Os grupos que estão juridicamente legalizados à Federação vêm dialogando já com eles. Alguns já se filiaram, outros

ainda estão vendo a possibilidade de ter o entendimento, a gente ter mais união, mas ainda acontece muito a individualidade. Cada um no seu canto e a gente está trabalhando isso (Ivan).

Esta questão da não filiação dos grupos à Federação pode ter explicação ligada às especificidades histórico-culturais da capoeira¹⁰. É de amplo conhecimento que tal prática nasceu como ferramenta de resistência social e luta por liberdade de um grupo que estava à margem da sociedade: os negros escravizados. No mesmo contexto, esteve por muitos anos marginalizada e foi vista de forma discriminatória pela sociedade. É possível que esta cultura de resistência e informalidade tenha sido fortemente preservada ao longo dos tempos, repercutindo também em desinteresse dos mestres/professores na formalização, fato este relatado por Reis¹⁰ em análise do processo de institucionalização da capoeira em São Paulo.

Esta hipótese encontra respaldo em Falcão². De acordo com o autor, ainda existem muitas dificuldades com relação à organização e união dos grupos. Cada grupo possui sua graduação com cores que variam de grupo para grupo, o que também acontece com as nomenclaturas hierárquicas. Tais dificuldades de padronização e organização dos grupos de capoeira podem estar ligadas ao desejo de liberdade que impulsionaram sua criação¹⁰.

É relevante esclarecer que a não institucionalização dos grupos não deve ser confundida com desorganização interna destes. Publicações anteriores já revelaram que autonomia, hierarquização e definição clara de deveres entre os membros são características presentes dentro dos grupos de capoeira¹⁷. Independentemente do(s) motivo(s), é possível afirmar que alguns mestres antigos ainda têm certa dificuldade com relação a ideia de padronização da capoeira².

Uma das consequências da não formalização é a existência de distintos padrões de organização interna dos grupos, realidade que apareceu também nas falas dos entrevistados. Cada grupo possui sua padronização: vestimenta, nomenclatura da graduação e segmento, diferente de outras lutas, como judô e taekwondo, por exemplo, que possuem um mesmo padrão para seus respectivos praticantes. Isso pode estar ligado ao histórico da capoeira e de todos os processos pelos quais esta luta passou para chegar até os dias de hoje, os motivos de sua criação e a busca pela liberdade de seus criadores. No presente estudo, estas diferenças entre grupos apareceram de forma concreta no significado atribuído às cores das cordas para determinar a posição no grupo:

Minha graduação é corda roxa, instrutor do grupo 1 (Ivan).

Atualmente eu estou com a graduação roxa, que é a graduação de professor (Rauni).

Observa-se que os entrevistados Ivan e Rauni tem a graduação de corda roxa, porém um relata ser instrutor e outro professor. Isso ocorre devido à nomenclatura de hierarquia adotada por cada grupo, o que também acontece com as cores das cordas. No mesmo sentido, as terminologias também se diferenciam entre grupos. Existem grupos nos quais não existe graduação de instrutor, apenas professor, em outros não é denominado instrutor e sim monitor. A diferença, portanto, varia de grupo

para grupo. A fala de um dos entrevistados ajuda a explicar esta realidade:

Todos os grupos têm sua hierarquia, o seu sistema de graduação, sua filosofia e seu segmento. Então a capoeira tem o segmento da capoeira angola, da capoeira regional, da capoeira contemporânea, que hoje se joga muito o jogo de benguela. Então cada mestre tem uma linhagem. Esses mestres vêm seguindo as linhagens. Capoeira de rua: então o mestre é voltado aos fundamentos da capoeira de rua. Capoeira contemporânea de academia, escola: aí tem a sua didática. Então o sistema de graduação que tem a questão da hierarquia. Cada grupo de capoeira cria o seu próprio sistema de graduação e sua hierarquia. Então tem grupos que é contramestre, tem grupos que é mestrando tem grupos que é mestre, é grão-mestre. Então muda um pouco a nomenclatura do nome dos cargos dentro da capoeira [...] (Ivan).

A fala anterior traz à tona um aspecto que pode ajudar a explicar a multiplicidade de formas de vivenciar a capoeira: a existência de estilos diferenciados da prática. Durante o processo de desenvolvimento histórico da capoeira surgiram estilos, também chamados de vertentes da capoeira, com maneiras de jogo que as diferenciam. Os mais conhecidos atualmente são: capoeira angola, capoeira regional e capoeira contemporânea. Esta última considerada a mais utilizada nos dias de hoje¹⁸.

Silva⁴ faz uma interessante apresentação de tais estilos. O autor explica que quando a prática da capoeira foi autorizada, na década de 1930, duas propostas populares surgiram. Enquanto uma estava referendada na busca pelo resgate das tradições da cultura negra, a outra entendia haver necessidade de modificar alguns elementos para tornar a capoeira mais eficiente enquanto luta corporal. Embora indicassem e buscassem padrões de movimentação corporal distintos, ambos estilos, denominados respectivamente, angola e regional, eram contrários à transformação da capoeira em esporte marcial aos moldes ocidentalizados, que era o intento de militares e também de profissionais da área da educação física do referido contexto histórico. Assim, a partir de Silva⁴ – e concordando com ela – verifica-se que para a plena compreensão do universo capoeirístico atual é fundamental o conhecimento do seu desenvolvimento histórico, especialmente nessa fase de descriminalização.

Deste contexto, compreende-se ser característica fundamental da capoeira moderna, descriminalizada, a multiplicidade de possibilidades de práticas e vivências. Destaca-se que, embora a falta de padronização dos grupos de capoeira possa ter explicação histórico-cultural, ela pode influenciar seu reconhecimento pela sociedade, podendo gerar impressão de desorganização e individualismo. Para os capoeiristas entusiastas do reconhecimento da capoeira como esporte isso também pode inviabilizar a participação em grandes eventos, como jogos olímpicos, já que cada grupo possui suas graduações e conceitos¹⁰.

Contudo, a preservação da raiz da capoeira também possui seu papel para a sociedade, pois faz parte da história e do desenvolvimento do Brasil. Não se trata apenas de técnicas, jogo ou dança, mas de expressão de resistência. Neste sentido, entender a realidade da capoeira de uma localidade é tarefa complexa. Exige conhecer as perspectivas e objetivos de prática presentes em cada grupo. Certamente, a presente pesquisa apenas descortina uma parte do contexto de Porto Velho em relação a capoeira.

Sobre os estilos de capoeira, todos relatam adotar/realizar a capoeira contemporânea, ou uma mistura dos estilos regional e angola. Duas falas abaixo servem de exemplo:

O nosso estilo de capoeira é o misto [...]. O mestre diz assim, e eu também tenho o mesmo entendimento, nós somos um resultado, uma mistura de angola regional, capoeira de rua e a vadição; e que nós somos hoje um resultado de tudo isso que muitos dizem que é a capoeira contemporânea. A capoeira de hoje, capoeira moderna, mais bonita (Ivan).

Se a gente for falar o estilo hoje é complicado porque todos nós fazemos a capoeira contemporânea. O que é a capoeira contemporânea? Capoeira contemporânea é uma mistura de todos os estilos (Jorge).

As falas anteriores revelam que na cidade de Porto Velho há concordância entre os grupos quanto ao estilo praticado/adotado. Todos trabalham a capoeira contemporânea, considerada por Loureiro como a mais utilizada nos dias de hoje, e aquela que possui influências da Educação Física¹⁴. Esta é entendida por Cressoni¹⁹ como aquela que rompe com os modelos tradicionais da prática, embora mantenha com estas a referência em relação à questão da ancestralidade, e permite a liberdade para reestruturação da prática, podendo criar ou acoplar novos fundamentos. Tal entendimento sobre a capoeira contemporânea explica a aparente contradição no fato de os grupos adotarem o mesmo estilo e ainda assim apresentarem importantes diferenças entre si. Neste sentido, nossos resultados corroboram Cressoni¹⁹, quando afirma que “as associações e grupos tendem a ser consolidados em suas próprias particularidades, mas não há uma uniformização para todos os praticantes de *capoeira contemporânea*”.

A respeito do público-alvo dos grupos, identificou-se que este é composto de crianças e adolescentes. Três grupos trabalham com predominância de crianças e/ou adolescentes, outro possui trabalho com predominância em crianças, mas também é desenvolvido com adultos idosos.

Meu trabalho em si é desenvolvido pra crianças. É um trabalho mais voltado à criança a partir de 2 anos de idade. De um ano e seis meses eu já tenho crianças praticando capoeira nas creches [...] (Rauni).

No nosso grupo tem de todas as idades, mas predomina a criançada. Jovem, adolescente e a maioria dos adultos são todos os graduados, professores e mestres (Claudio).

Ainda sobre o público-alvo dos grupos, destaca-se a fala a seguir:

Olha... é a nossa meta e objetivo: trabalhar em prol da capoeira [...] expandir mais o conhecimento, é troca de experiência. Mas o interesse maior é tirar as crianças e os jovens das ruas, dando uma oportunidade melhor, um caminho melhor, um horizonte pra que essas crianças possam ter outro rumo. E a gente faz um trabalho sem fim lucrativo, a gente não cobra mensalidade, a gente até ajuda muitas crianças da comunidade que não tem condições financeiras pra ter um uniforme, ter uma cordinha na cintura. A gente faz de tudo para acrescentar na vida daquela criança. Até alguns pais agradecem os professores e mestres porque os alunos passam a ter um equilíbrio melhor, um pensamento melhor; passam a ser mais educados em casa. E na verdade a gente é um segundo pai para esses alunos. Então o foco maior é ensinar capoeira, expandir mais e mais e formar um grupo com qualidade (Claudio).

A realidade identificada na fala de Claudio conversa bem com a visão de Falcão². Segundo o autor, a luta atual da capoeira é a busca em contribuir para uma sociedade mais justa e livre, o que explica também o fato desta prática estar sendo desenvolvida em projetos sociais, ligando-a diretamente a jovens e adolescentes em situação de risco².

É importante relatar que na cidade de Porto Velho observa-se a entrada da capoeira entre crianças pertencentes aos estratos sociais mais altos, como escolas particulares e escolinhas de iniciação esportiva, realidade percebida especialmente através do entrevistado Rauni. Isso aponta que hoje em Porto Velho, embora o público-alvo seja formado de crianças, a capoeira não é somente desenvolvida nas classes sociais mais pobres. Esta entrada da capoeira em escolas da rede privada somente foi possível, na visão de Rauni, através de parceria realizada com uma pedagoga e proprietária de uma escola:

Esse meu trabalho, começou há 10 anos atrás e como todo capoeirista a gente só começa querendo ter alunos. A gente não tem uma base teórica e pedagógica. Através da união com a pedagoga Carla, dona da escola 1, a gente desenvolveu uma metodologia de trabalho pedagógico trazendo a capoeira para as crianças abaixo de cinco anos, o que era uma coisa totalmente nova. Então meu trabalho acabou crescendo. Hoje eu atendo a creche 1, atendo o colégio 2, atendo a creche 3 e 4. Tem um trabalho na academia. E esse trabalho só foi para frente. Eu consegui praticamente resgatar a cultura da capoeira nas escolas devido essa formação que eu tive com a pedagoga [...] (Rauni).

A fala de Rauni revela que a capoeira pode ser melhor aproveitada como prática educativa através de um trabalho organizado didaticamente. Ele revela ter contado com o apoio pedagógico de uma profissional pedagoga, para inserção da capoeira em escolas de ensino infantil da rede privada de ensino. Neste sentido, a formação do profissional de Educação Física contempla tanto as dimensões pedagógicas quanto biológicas envolvidas na arte de ministrar aulas que envolvem práticas corporais. Dessa forma, entende-se que a participação do referido profissional no contexto da capoeira tem potencial impacto positivo sobre o ensino desta prática. Foi a partir deste entendimento, de que o profissional da área de Educação Física poderia contribuir com a capoeira, que se investigou na presente pesquisa a participação desse profissional nesse contexto.

A partir dos dados coletados, constata-se que apenas um dos grupos possui professor de capoeira graduado em Educação Física, com formação em curso de licenciatura há menos de 3 anos. Dos três grupos que não possuem graduado a frente do grupo, um é provisionado em Educação Física e outro relatou que recebe orientações de alunos que praticam capoeira em seu grupo e são graduados em Educação Física, quanto à forma de dar aula, realizar alongamentos e aquecimentos:

Não, não sou graduado em Educação Física. [...] Tem vários alunos meus, tem outros amigos de outras escolas de capoeira que são formados em Educação Física e eu recebo muita orientação dos meus alunos quanto à forma de dar aula, de fazer alongamento e aquecimento. Mas eu não tenho a formação (Rauni).

A fala acima aponta que, embora o professor de capoeira Rauni não tenha graduação em Educação Física, reconhece que os conhecimentos da Educação Física são importantes também para as

aulas, pois trazem suporte que vão além das técnicas da luta.

Os entrevistados também foram questionados sobre a existência de profissionais de Educação Física nos grupos de capoeira de Porto Velho. Dos quatro entrevistados, três responderam que são poucos profissionais de Educação Física a frente das atividades.

Não, na maioria não (os grupos de capoeira de Porto Velho não tem profissional de Educação Física). Hoje, profissional de Educação Física aqui que trabalha com capoeira, eu acho que o Ivan do grupo 1, que é formado em Educação Física e só. Aí o Grupo 5 também que tem o Mestre Xisto que tem os alunos dele que são formados. O mestre Xisto ele não é formado, mas ele tem a carteirinha do CREF que autoriza ele dar aula [...], ele é provisionado. Tem o mestrando Gael, que também é provisionado. Mas formado, formado... Ah eu vou ter só alunos meus mesmo. E eu acho que só o Ivan mesmo que é formado aqui (Rauni).

[...] Aqui não na capital são poucos. Acredito que tem o mestre Vander, tem a esposa do mestre Carlos, ela é formada na área. E eu acredito que o interesse são muitos né. Como é que se diz? É a dificuldade de entrar numa faculdade. Muitos capoeiristas têm o primeiro grau (ensino fundamental), focaram muito na capoeira, mas não focaram em se profissionalizar. São poucos, mas tem (Claudio).

Nas falas anteriores, nota-se que é consenso a informação que são poucos os grupos que têm profissionais de Educação Física atuantes nos grupos. Em relação ao mestre do grupo, se este possui graduação em Educação Física, apenas o mestre de um grupo tem esta formação:

Sim, meu mestre é formado em Educação Física. Leciona em Brasília, numa escola [...] há mais de 15 anos (Rauni).

Em conjunto, os dados revelam que é muito pequena a inserção do profissional de Educação Física nos grupos de capoeira de Porto Velho. Este resultado se assemelha àquele encontrado por Fontoura e Guimarães⁷, entre mestres de capoeira da cidade de Florianópolis. Do ponto de vista das causas, isso pode ocorrer devido à dificuldade de acesso à universidade, já que muitas vezes os praticantes têm baixo poder financeiro/econômico, o que os leva a focar na capoeira como meio de sustento e acabam deixando a formação acadêmica universitária em segundo plano. Também pode ocorrer devido ao não reconhecimento da importância da Educação Física para as aulas, realidade percebida na fala de Ivan, graduado em Educação Física. Para este, foi feito o seguinte questionamento: A graduação em Educação Física influenciou de alguma forma na maneira de ensino e de praticar a capoeira? A visão mudou depois da sua graduação? A resposta consta abaixo:

Olha, muito pouco, porque a capoeira é muito rica. Então a graduação é importante, você aprende muita coisa. Mas eu aprendi muita coisa fora também. A capoeira é uma escola, é uma universidade, é uma faculdade. Hoje você estuda pra você ser um graduado 4 anos. Em 4 anos você é graduado em Educação Física. Na capoeira tenho 20, entendeu? Então é diferente, é um conhecimento popular muito forte, que leva de pai para filho, de aluno pra discípulo. Mas hoje, com certeza, pela questão social, de ver: Ah ele é formado, beleza. Porque as pessoas não olham só pela sua capacidade, olham pelo que você tem. As vezes um canudo ajuda muito bem, mas o profissional tá na frente do canudo. Então pra mim só abriu as portas nisso, de dizer assim: Não, ele é formado! Ah então eu posso atuar ele não só como capoeira, como outra atividade. (Ivan).

Na fala anterior, o entrevistado relata que a graduação o ajudou mais em uma questão de status e não tanto na aula em si. A partir desta fala, observa-se uma valorização da graduação em Educação Física por parte da sociedade.

Por outro lado, é interessante refletir que o entrevistado 2, que não tem graduação em Educação Física, considera que essa formação influencia de forma positiva no desenvolvimento das aulas de capoeira e sua valorização, favorecendo o desenvolvimento das aulas. Assim, constata-se discordância destes entrevistados em relação a importância da graduação em Educação Física para lecionar capoeira.

Carvalho e Drigo¹², em seu estudo crítico a respeito do judô no contexto da regulamentação em Educação Física, apontam a importância da formação em Educação Física para o melhor desenvolvimento desta arte marcial. Por meio dos dados analisados em seu estudo, puderam observar que muitos professores de judô ainda não possuem graduação em Educação Física e consideram que tal graduação elevaria a qualidade das aulas.

Já sob o ponto de vista das consequências, a não participação do profissional em questão na capoeira significa que muitas vezes as aulas podem não ser adequadas ao público alvo, principalmente crianças e adolescentes, os quais estão em etapa de constante mudança em seu desenvolvimento. No mesmo contexto, Fett e Fett¹¹ apontam potencial impacto positivo da graduação em Educação Física para o desenvolvimento das aulas e prevenções de lesões.

Assim, a graduação em Educação Física poderia somar ao planejamento, entendimento de prevenção de lesões, bem como na estruturação das aulas de acordo com cada faixa etária. É importante registrar, porém, que novos estudos são essenciais para que mais esta temática possa ser melhor compreendida e discutida.

Como principal limitação do presente estudo, considera-se o baixo número de grupos pesquisados, visto que a FECARON acredita que existam em torno de 15 e somente quatro participaram. Sugere-se que pesquisas futuras investiguem a realidade dos demais grupos da cidade de Porto Velho, inclusive os grupos pequenos, a fim de descrever de forma mais ampla a prática de capoeira da cidade. Sugere-se também que outros aspectos sejam pesquisados, tais como a distribuição geográfica dos grupos e o perfil social dos praticantes, por exemplo.

Conclusão

A pesquisa evidenciou que na cidade de Porto Velho existem cerca de 15 grupos de capoeira, mas menos da metade são considerados atuantes. Destes um está filiado a Federação e outro à associação. Identificou-se barreiras para institucionalização da capoeira na cidade. Entende-se que tal realidade pode estar relacionada às especificidades sócio-históricas dessa prática corporal.

Parece ser importante promover mais união entre os grupos e mais conscientização a respeito da organização da capoeira na cidade de Porto Velho, pois isto poderá contribuir para o reconhecimento, valorização e preservação dessa prática corporal.

Outrossim, mostra-se necessário uma reflexão a respeito dos motivos que levam ao não reconhecimento dos cerca de dez grupos que não são considerados atuantes/grandes. Isso é necessário para que se tenha conhecimento do trabalho que estes grupos desenvolvem, especialmente, porque o estudo aponta que o público-alvo dos praticantes da capoeira em Porto Velho são crianças e adolescentes. Acredita-se que as especificidades históricas da capoeira discutidas no presente trabalho, bem como a questão da liberdade de sua prática, no que diz respeito aos objetivos e formas de vivenciá-la, compõem parte importante da explicação sobre porque tais grupos permanecem informais. Em outras palavras, provavelmente os grupos pequenos praticam a capoeira sem interesse em sua dimensão esportivizada ou institucionalizada, levando-os a não buscar formalização e tampouco o reconhecimento pelos demais grupos e pela Federação.

Destaca-se que a presença e participação de graduados em Educação Física nos grupos é muito pequena ou inexistente. Entre os quatro grupos da cidade de Porto Velho pesquisados, somente um possui professor de capoeira graduado em Educação Física. Quanto aos mestres, a maioria também não possuía graduação em Educação Física. Assim, é possível que parcerias entre professores de capoeira e de Educação Física pudessem ser positivas para os praticantes, trazendo também mais oportunidades para os novos graduados e para os que desejam aumentar suas possibilidades profissionais de atuação.

A graduação em Educação Física para os professores e mestres de capoeira também é uma questão importante, pois tem potencial para promover ampliação de conhecimento e desenvolvimento de suas aulas aos professores de capoeira que se graduarem. Diante dos resultados encontrados, pode-se observar que apesar de ser um campo de atuação oportuno ao profissional de Educação Física, ainda não tem sido muito explorado.

Referências

1. Santos G de O, Palhares LR. A Capoeira na formação Docente de Educação Física. Rev Pensar a Prática. 2010; 13(3):1-14.
2. Falcão JLC Os movimentos de organização dos capoeiras no Brasil. Motrivivência. 2000; Ano XI(14):93-114.
3. Santos LJM dos, Barros L de O. O histórico da capoeira: um curto passeio da origem aos tempos modernos. Lecturas: Educación Física y Deportes. 1999; 4(25):1-2.
4. Silva PC da C. Capoeira e Educação Física: uma história que dá jogo... Primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. Rev Bras de Ciên do Esporte. 2001; 23(1):131-45.
5. Nascimento PRB do, Almeida L de. A tematização das lutas na educação física escolar: restrições e possibilidades. Movimento. 2007; 13(3):91-110.
6. Vieira LR. O jogo da Capoeira Cultura Popular do Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro (RJ): SPRINT; 1998.
7. Fontoura ARR, Guimarães AC de A. História da capoeira. Rev da Edu Física/UEM. 2002;

3(2):141-150.

8. Brasil. Decreto N° 847, de 11 de outubro de 1890. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. [2019 jan. 27].

9. Rocha LS da. A capoeira e direito à memória à luz da legislação brasileira. 2017. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Guarabira: Universidade Estadual da Paraíba; 2017.

10. Reis LV de S. O Jogo de Identidades na Roda de Capoeira Paulistana. Ponto.urbe. 2013; 13:1-12.

11. Fett CA, Fett WCR. Filosofia, ciência e a formação do profissional de artes marciais. Motriz. 2009; 15(1):173-184.

12. Carvalho MCG de A, Drigo AJ. O judô dentro do contexto regulamentação da Educação Física. Lecturas: Educación Física y Deportes. 2007; Ano 11(106):1.

13. Minayo MC de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitec; 2008.

14. Triviños ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas; 1987.

15. Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, Projeto 914BRZ4012, Produto IV. Rondônia, 2012.

16. Meira TB, Bastos FC, Bohme MTS. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. Rev Bras de Ed Física e Esporte. 2012; 26(2):151-62.

17. Araújo PCA. Abordagens sócio-antropológicas da luta/jogo da capoeira. Maia – Portugal: Instituto Superior de Maia, 1997.

18. Loureiro FL. Oficina de docência de capoeira. Núcleo de Educação Aberta e a distância. Vitória: Universidade Federal do Espírito, 2013.

19. Cressoni FEG. Capoeira contemporânea: compreensões decorrentes de mestres autodeclarados. [Tese de Doutorado]. Rio Claro: Instituto de Biociências da UNESP; 2013.